aquela independência de carácter, aquêle espírito de sacrifício por uma idea boa, em defesa dum ideal que se arrelgou no espírito após a investigação serena da Verdade; não há o desassombro e a coragem necessários para arrostar com a indiferença da maioria, o escárneo dos nulos, a competência dos cobotinos, as malquerenças dos estúpidos e as adversidades do infortúnio. Não! Esquecem-se as afirmações, os tempos rubros da propaganda subversiva, os momentos felizes de efervescência e de agitação, para se atender tam sòmente à larguêsa da pança e às necessidades estomacais. Citando ao acaso, lembro-me duma personagem que ainda há bem pouco tempo nos começos da república, vergalhava sem dôr nem piedade a imprudência dos caudilhos vermelhuços dos tempos da outra matrona. A quando do govêrno provisório, em que o snr. António Zé pontificava no interior, houve, em Setubal, uma greve operária que foi sufocada a fogo e a espadeirada da municipal por ordem do ministro supracitado.

O tal escriba, que ao tempo não tinha ainda arranjado ôsso, impertigou-se de indignação, e bumba, lança à ventoinha da publicidade um folheto apreciando o caso, dando uma tareia formidável nos mandarins da república e afirmando que não era isso que ao povo convinha mas sim um regimen puramente social determinado por uma revolução operária e nunca por uma revolução política como fôra a de cinco de outubro.

Aquilo não foi outra coisa, senão uma advertência para se fazer notar.

E, com efeito, em tam boa hora o fez que conseguiu alijar-se no porcalhão da rua das Gâveas, onde, a pouco e pouco, mas metodicamente foi mostrando a vilesa do seu caracter já insinuando infâmias contra indivíduos honestos e de inquebrantaveis princípios, já renegando o passado para engraxar mais polidamente as botas do patrão.

Razão, tinha Taine, quando, referindo-se a tal gente, dizia:

«O estômago é a consciência do corpo». Ali só ha sebo; quanto ao resto foi-se tudo numa diarreia de crise... barriguda.

J. SALGADO.

TIERRA Y LIBERTAD

Semanário anarquista que se publica em Barcelona. Preço 10 reis A' venda na redacção de A Aurora

ANTIMILITARISMO E REVOLUÇÃO

Carta de Krapótkine ao "Temps,,

Sr. Director,

Acabo de ler em seu n.º de 19 de Outubro um artigo do sr. Pierre Mille, intitulado: «Esbocos do natural: Pedro Krapótkine». Permita-me que nele releve certas inexactidões.

O sr. Mille reproduz algumas frases duma conversação sôbre o antimilitarismo, à qual não assistiu, mas de que ouviu falar em Paris. Estou certo de que o faz com a melhor intenção de ser exacto; mas dando apenas algumas passagens de essa conversa, desnatura-lhe completamente o sentido.

Sim, eu disse:

—Tenho 62 anos, não faço sentimentalismo quanto à França, nela fui condenado à prisão, pesa ainda sôbre mim um decreto de expulsão... Pois bem: se a França fôsse invadida pelos alemães, uma coisa lamentaria eu—não ter provàvelmente, com os meus sessenta anos já passados, fôrças para pegar numa espingarda para a defender... *Não como soldado da burguesia, claro está, mas como soldado da Revolução,* nas legiões francas dos revolucionários, semelhantes às dos garibaldinos e dos francos-atiradores de 1871.

Façamos a Revolução e corramos às fronteiras, tal é a essência das opiniões que exprimi nessa conversação, e cuja conclusão era a frase que acabo de citar e que impressionou o sr. Mille.

Pois que v. teve a bondade de falar das minhas ideas sôbre o antimilitarismo, permitir-me há, não é verdade?, precisá-las.

Quando vejo com que facilidade os governantes lançam os povos em guerras horríveis, empreendidas no interesse da burguesia; e sabendo eu com que imperdoável leviandade os governantes da França — mediante uma insignificante promessa feita por um ministro imperialista inglês — estiveram mui recentemente a ponto de atirar a França para uma guerra, de que ela havia de sair talvez com um esmagamento pior que o de 1871, compreendo a necessidade duma propaganda antimilitarista árdua, feita corajosamente pelos trabalhadores. E compreendo perfeitamente que os trabalhadores franceses, vanguarda da classe operária do mundo inteiro, tomem a iniciativa dela, sem saber ao certo até que ponto serão seguidos pelos trabalhadores alemães.

—Mas, disse eu na conversação de que o sr. Mille lhe deu um trecho, a greve dos soldados, quando a guerra está declarada, não é o verdadeiro meio. Isso é bom para as nações que se conservam neutras. Quando dois Estados entram na guerra, os trabalhadores das nações neutrais deveriam recusar absolutamente qualquer trabalho que sirva para alimentar a guerra. Era essa a campanha que se devia fazer durante a última guerra russo-japonesa.

Mas se os alemães vierem invadir a França, à testa, como sem dúvida hão-de vir, duma poderosa coligação e constragendo os pequenos Estados limítrofes (a Bélgica, a Suíça), *então a greve de soldados não bastará.* Haverá necessidade de fazer como fizeram os *sans-culottes* de 1792, quando constituíram nas suas secções a Comuna revolucionária de 10 de Agôsto, derribaram a rialeza e a aristocracia, levantaram o imposto forçado sôbre os ricos, forçaram a Legislativa a fazer os primeiros decretos *efectivos* para a abolição dos direitos feudais e retomada pelos camponezes das terras comunais *e marcharem a defender o solo da França continuando ao mesmo tempo a Revolução.* Foi também o que Bakúnine e seus amigos tentaram fazer em Lião e em Marselha em 1871.

O único dique eficaz a opor a uma invasão alemã será a guerra popular, a Revolução. E o que desde já se deve prever e dizer abertamente.

Sim, eu disse também que a França caminhava à frente das outras nações. E é verdade. Não como cultura intelectual, artística ou industrial, pois nisso as principais nações européias e os Estados Unidos marcham a par, e se uma delas toma a dianteira em determinada direcção, noutra já ela é ultrapassada. Mas a França vai à frente das outras nações na senda da revolução social. E que ela fez 1789-93, teve 1848 e ergueu uma balisa em 1871, ao passo que a Alemanha ainda não acabou de abolir o seu regime feudal, a Inglaterra não fez a sua grande revolução senão para conquistar a liberdade politica e religiosa do indivíduo, sem demolir a propriedade feudal, e a Rússia está ainda em 1788-89.

Nestas condições, um novo esmagamento da França seria uma desgraça para a civilização. O triunfo do Estado militar centralizado alemão em 1871 valeu à Europa trinta anos de reacção, e à França deu o culto [illegible] e a paragem [illegible] mais: o esquecimento [illegible] anos de todo o desenvolvimento socialista que se fazia pelos fins do Império.

Por ter *vivido* a reacção social e intelectual dos últimos trinta anos é que eu penso que os antimilitaristas de qualquer nação deviam defender *cada* país, invadido por um Estado militar e fraco demais para se defender a si próprio; mas sobretudo a França, quando for invadida por uma coligação de potências burguesas, que odeiam principalmente no povo francês o seu papel de vanguarda da revolução social.

Tais são, senhor, as ideas que desenvolvi durante a conversa de que o sr. Mille falou aos seus leitores.

. . . . . .

Pedro Krapótkine.

Les Temps Nouveaux,
4 Nov. 1905)

NOTA DA REDACÇÃO:—A carta acima conclui com rectificações de carácter pessoal. As frases sublinhadas foram-no pelo autor.

A propósito desta carta, veja-se o nosso n.º 9, do dia 5. Brevemente, começaremos a publicação da resposta de Charles Albert, documento interessantissimo, não só pelo valor dos argumentos e previsões, mas pela mudança do ex-anarquista que o firma e pelo papel que êle hoje representa no actual debate.

A greve das costureiras

TERMINOU, há perto de um mês, a greve das costureiras do Porto. A vitória que alcançaram deve-se, sem dúvida, à energia e à coragem que empregaram na luta, coragem e energia dignas de menção, para ensinamento das outras classes que vivem sob o látego e esploração patronais.

As costureiras portuenses, vendo-se lesadas nos seus interesses e feridas na sua dignidade, resolveram declarar-se em greve afim de fazerem valer os seus incontestaveis direitos. Ao cabo de alguns dias de luta heróica, dias êsses em que a polícia e a guarda republicana tiveram mais uma vez uma excelente ocasião de mostrarem a sua bestialidade e a sua ferocidade, as costureiras saíram vitoriosas, engrandecendo assim, com mais uma página brilhante, a História indelevel do proletariado revolucionário.

Entre todos os episódios de êsse movimento, há um que merece referência especial. Servindo de óptima lição, revela uma altíssima compreensão dos deveres de solidariedade para com as vítimas da iniqui-